

REPENSAR E MUDAR AS AÇÕES HOJE PARA GARANTIR UM AMANHÃ

RETHINK AND CHANGE ACTIONS TODAY TO ENSURE TOMORROW

KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2020.

Palavras-chave: Ciência. Capitalismo. Covid-19. Humanidade.

Andréa Joana Sodré de Sousa Garcia*
Gláucia Fernanda Oliveira Martins Batalha**

A literatura indígena vem ganhando cada vez mais espaço e visibilidade com livros que falam não só sobre a resistência de seus povos, mas também sobre o meio ambiente, que é preocupação coletiva e tema de grandes discussões no mundo inteiro. Autores indígenas, como Davi Kopenawa e Ailton Krenak, ocupam espaço de destaque ao liderarem listas dos livros mais vendidos e ao trazerem reflexões atuais sobre nossos modos de vida e as relações destes com o meio ambiente.

A pandemia da Covid-19 tem assolado a vida de milhares de pessoas no mundo inteiro, e fez muitos de nós repensar a vida que levávamos, cheia de trabalho e consumismo exagerado. Fechamos os olhos diante da exploração desmedida do meio ambiente, bem como da falência da possibilidade de preservação da espécie humana no planeta. O tempo que era tão escasso em nossas vidas, em meio a tantas tarefas diárias, se fez presente de forma brusca e nos mostrou que somos frágeis e vulneráveis.

* Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil. E-mail: garcia.andreajoana@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2727-0508>.

** Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: gformartinsbatalha@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0458-03>.



Ailton Krenak nos mostra, através de seus escritos, uma nova visão de mundo e uma reflexão dura sobre a vida que levamos aqui na terra, alicerçada na ideia capitalista de produção e consumo. Critica cientistas do mundo inteiro que buscam, através da ciência, modificar, criar e apresentar teorias sobre como viver melhor, como ser feliz, sempre pautados naquilo que o capitalismo determina como bom, e buscam ainda outros lugares para explorar e habitar, num futuro que se aproxima.

Nascido em 1953, na região do Médio Rio Doce - Minas Gerais, Ailton Krenak, autor do livro aqui resenhado, pertence a etnia indígena Krenak e é um líder indígena, jornalista, escritor, ambientalista e ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas. Na década de 1980, organizou, juntamente com outras lideranças, um grupo formado por comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia, chamado Aliança dos Povos da Floresta. Em 2016, recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

O livro *A vida não é útil* é composto por cinco textos construídos a partir de *lives* e entrevistas realizadas com Ailton Krenak e alguns parceiros: “Não se come dinheiro”, “Sonhos para adiar o fim do mundo”, “A máquina de fazer coisas”, “O amanhã não está à venda”, e “A vida não é útil”. Nas referidas reflexões, ele aborda questões ambientais que beiram ao colapso devido às ações humanas que “esquartejam” e sugam a Terra, como se a esta fosse infinita em seus recursos. Ao mesmo tempo, nos mostra a fragilidade da humanidade diante da escassez que se aproxima cada vez mais, bem como de alguns vírus que surgem, como o da Covid-19, que matou e mata milhões de pessoas no mundo inteiro. Todavia, o autor diz não acreditar numa real mudança de comportamento e teme o “voltar

à normalidade”, pois seria a continuidade e aceleração da destruição da Terra.

A humanidade se revela como grande predadora não só de espécies não humanas, mas também daqueles que são vistos como sub-humanos, e que da mesma forma são excluídos e exterminados quando não servem mais aos objetivos e satisfação dos detentores de poder. Trata-se dos pobres, indígenas, quilombolas, ribeirinhos e tantos outros que são largados no meio do percurso rumo ao horizonte projetado e arquitetado pela “casta de humanos” que excluem e depredam a terra.

Nota-se uma grande acumulação de riqueza por uma minoria, em detrimento de uma vasta maioria que morre por falta de questões básicas como acesso a alimentos e à saúde. A pandemia causada pela Covid-19 deixou ainda mais visível essa desigualdade social, mas também deixou claro que somos igualmente vulneráveis, pois, mesmo com muitos recursos, percebemos o óbvio: precisamos de ar puro e “não se come dinheiro”. Para o autor, “o poder, hoje, é uma abstração concentrada em marcas aglutinadas em corporações e representada por alguns humanoides” (p.12) que, certamente, sofrerão também com a saturação do meio ambiente. Tendo ou não dinheiro, estamos no mesmo planeta e sofreremos com as mesmas necessidades causadas pelo fim de recursos naturais.

Todavia, o vício da modernidade não nos faz pensar nesse futuro caótico e as invenções são tentativas de “nos projetarmos em matéria para além de nossos corpos. Isso nos dá a sensação de poder, de permanência, a ilusão de que vamos continuar existindo” (p. 9). Mas a pergunta é: Existindo de que forma e a que preço?

A humanidade se coloca como especial e com qualidades excepcionais. Porém, o

que se percebe são humanos destruindo suas riquezas naturais, rios, florestas, paisagens, em nome da riqueza e do poder, criados historicamente a fim de lhes dar a anuência da destruição em nome do progresso humano e socioeconômico.

Ailton Krenak nos leva à reflexão sobre os sonhos, de como estes são reveladores, e como são também um “lugar de veiculação de afeto”, pois acredita que seu compartilhamento afeta o mundo sensível e ajuda no dia a dia das pessoas. Nessa perspectiva, o autor nos coloca a importância de um sonho coletivo e nos diz que precisamos parar e ver a realidade, que nos rodeia, e pensar estratégias para nos reconectar com a Terra, ou seja, “quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estar reconfigurados para poderemos circular. Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele poderemos habitar” (p. 25).

Para que essa reconexão aconteça, será preciso mudar todo um comportamento que destrói, em nome da produção e do consumo desregrado e desigual. Segundo Ailton Krenak, não se trata de uma situação limite a que estamos vivenciando, mas sim de um “ajuste de foco no qual temos a oportunidade de decidir se queremos ou não apertar o botão da nossa autoextinção” (p.31). Trata-se de uma oportunidade de fazer diferente. Mas, infelizmente, nem todos estão dispostos a repensar suas práticas, e o desejo de consumir se “estende por tempo indeterminado, sem que a máquina de fazer coisas precise ser desligada” (p. 33).

Dessa forma, observa-se que há uma consciência de que estamos cada vez mais perto do abismo, de que temos, a cada dia que passa, um mundo mais destruído. Ao

mesmo tempo, porém, só se consegue pensar em coisas novas, em novas mercadorias que são criadas e que criam novas dependências, inclusive a ideia de que podemos reproduzir a vida e a própria natureza, na perspectiva de que haja uma ilusão de que tudo está sob controle.

O autor nos revela também, de forma positiva, a existência de pessoas, a quem chama de “ilhas”, considerando-as como cura para a febre do planeta, por se tratar de pessoas mais conscientes, que desenvolvem uma vida mais conectada com a natureza e que, apesar de eventualmente utilizarem ou consumirem algo industrializado, não são dependentes destes para continuar existindo. São essas ilhas que podem contagiar os indivíduos mostrando uma “percepção diferente da vida”.

Outro momento importante no livro está no texto “O amanhã não está à venda”, no qual faz uma crítica à ideia vendida pelo capitalismo de que temos que trabalhar mais, para ganhar mais e consumir mais; e para alguns (a minoria), conseguir acumular mais dinheiro. Embalado pelo pensamento de Foucault, Krenak entende que, na sociedade de mercado em que vivemos, o ser humano só tem utilidade quando produz. E relembra uma vez mais que a pandemia tem nos ensinado que o amanhã não é nosso. A experiência vivida em tempos atuais é como “um anzol nos puxando para a consciência”, nos mostra que o futuro é o aqui e agora, pois o depois pode não existir.

Trata-se de um desafio da vida que construímos e que nos consome a cada dia. Segundo Ailton Krenak, estamos deixando rastros coletivos de uma humanidade desorientada que pisa fundo e destrói a natureza e, conseqüentemente, sua própria vida. Temos uma natureza finita, mas agimos e desejamos como se ela fosse infinita. Dessa

forma, é preciso pensar em desacelerar nosso uso dos recursos naturais, na tentativa de “adiar o fim do mundo”, embora em alguns lugares esse fim já tenha ocorrido. O autor analisa que os que vivem na cidade, presos no mundo colorido do trabalho e consumo, não conseguem perceber como a mata, os animais, as florestas estão sumindo e se extinguindo; ao contrário dos povos que vivem nas florestas, que tiveram seus espaços reduzidos, que são desrespeitados todos os dias, e que buscam cada vez mais longe suas caças para sobreviver.

Algo muito grave ainda é a ideia de que nas escolas continuamos a ensinar e a reproduzir esse sistema desigual e caótico às nossas crianças e adolescentes, fazendo com que estes cresçam como os mesmos desejos de consumo, desrespeito e destruição da natureza, sem fazer reflexões sobre o amanhã, e considerando normal e justa as desigualdades existentes entre as pessoas. De acordo com o autor, há uma renúncia dos pais em relação aos direitos de transmitir valores que poderiam, no futuro, trazer benefícios à humanidade.

Krenak é crítico ainda da ideia de sustentabilidade, a qual considera um mito, além de se tratar de uma vaidade pessoal. Para o autor, dizer que faz parte de uma rede de sustentabilidade pode ser uma tentativa de minimizar os prejuízos, e não de transformar de fato as ações que colaboraram para a destruição do mundo, o que seria mais oportuno e importante.

O trabalho, por fim, é visto como a “razão da existência”, e esse pensamento tem nos escravizado, pois ao pensar em viver de forma mais livre e coletiva, quase que automaticamente esse pensamento é repreendido como se fosse um grande pecado, sendo associado à ideia da preguiça e da falta de civilização. Civilização esta que exclui,

mata e explora, com a máxima de que são o modelo a ser seguido, não se importando com o outro e iludindo-o de que é possível ser igual aos detentores de poder. E são esses “civilizados” que destroem todos os dias a Terra em que vivemos, certos de que fazem o correto e nos levam juntos para o mesmo caos.

Trata-se de um livro instigante devido às várias reflexões que apresenta e que estão ligadas às poesias, músicas e teorias sociais e filosóficas de autores conhecidos como Milton Santos e Michel Foucault. Ailton Krenak nos chama não só para a reflexão, mas para a ação concreta que requer que paremos com o desenvolvimento e busquemos um envolvimento maior, para que tenhamos a chance de um futuro mais próspero. “Quando aparecer um deserto, o atravesse” (p. 62).

Recebido em: 22/11/2021

Aprovado em: 07/04/2022

Esta publicação foi composta na
família tipográfica Rotis e veiculada
digitalmente.
